

|215|

## Prefácio

O que aqui se oferece é somente um folheto *proprio Marte, propriis auspiciis, proprio stipendio*<sup>5</sup>, sem qualquer pretensão de fazer parte dos esforços científicos em que se alcança legitimidade enquanto passagem, transição, enquanto finalizador, iniciador, participante, enquanto colaborador ou enquanto seguidor voluntário, enquanto herói ou, de qualquer modo, enquanto herói relativo, ou pelo menos como trombeteiro absoluto. É somente um folheto e mais não será, mesmo que eu, como o Mestre de Holberg<sup>6</sup>, *volente deo*<sup>7</sup>, o continuasse com outros dezassete; mais não será, da mesma forma que alguém que escreve leituras de meia hora nunca escreverá outra coisa, mesmo que escreva in-fólios. A prestação, contudo, é proporcional às minhas capacidades, porque, ao contrá-

5 Em latim no original: «por recursos próprios, por vontade própria, a custas próprias». A expressão «*proprio Marte*» parece decorrer da expressão «*suo Marte*» (com significado idêntico, eventualmente valorizando a componente de coragem) que ocorre em Cícero, na «Segunda Filípica» (*M. Tullii Ciceronis opera omnia*, vols. I-V, org. de Johann August Ernesti, Halle 1756-1757, vol. II, segunda parte, p. 1376; Ernesti ordena e numera as *Filípicas* após outros discursos, atribuindo à «Segunda Filípica» o n.º 46; usa também duas numerações para as secções do texto, a tradicional, que continua a ser usada nas edições actuais do texto — 95, no caso da passagem que aqui interessa —, e uma outra baseada em unidades de conteúdo — 37, para a mesma passagem).

6 Na peça de Ludvig Holberg (1684-1754) *Jacob von Tyboe Eller Den stortalende Soldat* [J. v. T. ou o Soldado Fanfarrão], de 1725, Acto III, Cena 4 (edição utilizada por Kierkegaard: *Den Danske Skue-Plads*, vols. 1-7, Copenhaga 1758, 1788; vol. 3, sem paginação), o Mestre erudito Stygotius diz: «Caminho pelas pegadas dos Antigos, do que depois de amanhã haverá de se ver a demonstração, quando eu, *volente Deo*, houver de me submeter a provas.» Trata-se de provas para a obtenção de um grau, e o Mestre promete ainda «dar-lhe continuação com cinco outros».

7 Em latim no original: «querendo Deus».

rio do que acontecia com certo nobre romano, não é *merito magis quam ignavia*<sup>8</sup> que me abstenho de servir o sistema, antes sucede que sou um ocioso por comodidade, *ex animi sententia*<sup>9</sup>, e por bons motivos. Porém, não quero ser culpado de ἀπραγμοσύνη<sup>10</sup>, que decerto em todas as épocas é um crime político, mas sobretudo num período de fermentação, durante o qual na Antiguidade era mesmo proibido sob pena de morte. Supondo porém que, com a sua intervenção, alguém se tornava culpado de um crime maior somente por provocar confusão, não seria melhor que se ocupasse consigo mesmo? Não é dado a qualquer um fazer coincidir afortunadamente com o interesse geral aquilo que lhe ocupa os pensamentos, tão afortunadamente que quase se torne difícil decidir até

8 Em latim no original: «mais por mérito do que por indolência». O «nobre romano» a que se refere o texto é Salústio, o qual em *De bello Iugurthino*, IV, 4, usa no seguinte contexto a expressão citada: «Se, porém, reflectirem sobre os tempos em que alcancei eu magistraturas, a qualidade dos homens que não conseguiram obtê-las e o tipo de pessoas que depois entraram no Senado, decerto concluirão que mudei eu a orientação do meu espírito mais por mérito do que por fraqueza e que mais utilidade virá à república destes meus ócios do que dos negócios dos outros.» (Trad. port.: *Guerra de Jugurta*, in Salústio, *Obra Completa*, trad. e introd. de Agostinho da Silva, Livros Horizonte, Lisboa 1974, pp. 75-76.) Edição utilizada por Kierkegaard: *C. Sallusti Crispi opera quae supersunt*, org. de Fr. Kritzius, vols. I-II, Leipzig 1834; vol. II, p. 22.

9 Em latim no original; literalmente: «por maneira de ver do ânimo»; expressão correntemente usada no sentido de «segundo a opinião do próprio».

10 Em grego no original (nas palavras, expressões ou passagens que cita em grego Kierkegaard raramente utiliza acentos ou espíritos; mantemos, pois, essa grafia no corpo do texto, embora não nas notas do tradutor): «abstenção de actividade pública». Xenofonte, nas *Memoráveis*, livro III, 11, 16 (edição utilizada por Kierkegaard: *Xenophontis memorabilia*, org. de F. A. Bornemann, Leipzig 1829, p. 236), usa este termo referindo-o a Sócrates: «Sócrates riu-se da sua própria falta de ocupação [...]» (trad. port.: Xenofonte, *Memoráveis*, trad. do grego, introd. e notas de Ana Elias Pinheiro, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Coimbra 2009, p. 215). Em Atenas, Sólon estipulara a obrigatoriedade de tomar parte na vida pública. Plutarco, referindo-se a Sólon em *Βιοι Παράλληλοι* [Vidas Paralelas], obra que Kierkegaard conhecia em tradução dinamarquesa (*Plutark's Levnetsbeskrivelser*, trad. de Stephan Tetens, vols. I-IV, Copenhaga 1800-1811; vol. I, p. 337), diz: «De todas as outras suas leis, é especialmente peculiar e paradoxal a que ordena a privação dos direitos cívicos à pessoa que, em caso de sedição, não tome o partido de nenhum dos lados. O propósito consiste, ao que parece, em evitar a apatia e a indiferença perante a comunidade, colocando a salvo os interesses pessoais e gloriando-se de não haver partilhado as desgraças e males da pátria. Pelo contrário, importa juntar-se, desde logo, aos que evidenciarem um comportamento melhor e mais justo, correr os mesmos perigos e prestar-lhes auxílio, em vez de aguardar, em segurança, as disposições dos vencedores.» Plutarco, *Vida de Sólon*, trad. e notas de Delfim Ferreira Leão, introd. geral de Maria Helena da Rocha Pereira, Relógio d'Água, Lisboa 1999,

que ponto disso se ocupa por causa própria ou pela causa geral; pois não ficou Arquimedes imperturbado, observando os seus círculos, quando Siracusa foi tomada, e não disse ele ao soldado romano que o assassinou essas belas palavras: *nolite perturbare circulos meos*<sup>11</sup>? Mas quem não for tão afortunado, que procure à sua volta um outro modelo. Quando Corinto foi ameaçada [216] pelo cerco que Filipe lhe pôs e todos os habitantes se encontravam em enérgica actividade, um limpando as suas armas, outro recolhendo pedras, um terceiro reparando a muralha; e quando Diógenes viu tudo isto, envolveu-se à pressa na capa e pôs-se a rolar com grande zelo o seu tonel para cima e para baixo pelas ruas<sup>12</sup>. Quando lhe perguntaram porque o fazia, respondeu: também eu estou ocupado a fazer rolar o meu tonel para não haver de ser o único ocioso entre tantos homens aplicados. Uma tal conduta é, no mínimo, não

p. 71. Também Aristóteles, referindo-se a alguns aspectos da legislação de Sólon, escreve: «Ora ao ver que, apesar de a cidade se envolver em frequentes dissensões, alguns dos cidadãos, por apatia, se compraziam com o acaso, promulgou uma lei a eles dirigida; determinava que, se a cidade estivesse em dissensão, quem não pegasse em armas por nenhum dos partidos seria punido com atimia e não tomaria parte na vida da cidade.» Aristóteles, *Constituição dos Atenienses*, introd., trad. do original grego e notas de Delfim Ferreira Leão, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2003, p. 33.

11 Em latim no original: «não perturbes os meus círculos». Valerius Maximus (*Facta et dicta memorabilia*, VIII, 7, ext. 7) refere a expressão de Arquimedes como sendo «noli, obsecro, istum disturbare» [«suplico-te que não estragues isto»]. Cf. *O Conceito de Angústia*, SV IV, p. 295, SKS 4, p. 330.

12 Diógenes de Sínope (ca. 400-325 a. C.), filósofo grego, vulgarmente dado como exemplo maior da filosofia cínica. O episódio aqui referido é contado por Luciano de Samósata, num texto intitulado «Como se há-de escrever a História», contido em tradução alemã no vol. I, pp. 29 e sg., da edição das *Lucians Schriften*, vols. I-IV, Zurique 1769, que fazia parte da biblioteca de Kierkegaard; escreve Luciano: «Por eu ver e ouvir estas coisas, me veio à memória aquele célebre feito de Diógenes, o qual a tempo em que já se dizia chegar Filipe com o seu exército aos Coríntios, vendo que começavam todos a trabalhar ansiosamente cheios de temor, uns preparando as armas, outros acarretando pedras, outros reforçando as muralhas, munindo as fortalezas, e enfim subministrando alguma outra coisa própria desta ocasião, e que só ele nada tinha que fizesse (pois ninguém o ocupava nesta matéria), embrulhou em redor de si a capa e começou também no Cranio a voltar para baixo e para cima a dorna em que morava [o Cranio era uma pequena elevação em Corinto, onde havia um bosque e um ginásio junto ao qual vivia Diógenes no seu tonel]; e perguntando-lhe um dos que tratavam com ele para que fazia isto, respondeu que dava também voltas à sua dorna, para que ele só não parecesse ocioso entre tantos que trabalhavam.» *Luciano sobre o modo de escrever a história*, traduzido na língua portuguesa por Custódio José de Oliveira, na Regia Officina Typografica, Lisboa 1771, pp. 5-6; actualizámos a grafia e a pontuação.

sofística, ainda que Aristóteles no geral estivesse certo ao declarar que a arte sofística é aquela com a qual se ganha dinheiro<sup>13</sup>. Uma tal conduta, no mínimo, não pode incorrer em qualquer mal-entendido; porque era decerto impensável que alguém pudesse ter a ideia de encarar Diógenes como salvador e benfeitor da cidade — e decerto que é inteiramente impossível que possa passar pela cabeça de alguém (coisa que eu, pelo menos, encararia como o maior perigo que podia ameaçar o meu projecto) atribuir significação histórico-universal a um folheto ou admitir que o respectivo autor fosse o sistemático Salomon Goldkalb<sup>14</sup> tão aguardado na nossa querida capital de Copenhaga. Para que tal houvesse de acontecer, precisaria o culpado de ser por natureza particularmente estúpido e presumivelmente, urrando dia após dia em antífonas antistróficas de cada vez que alguém o levasse a imaginar que agora começava uma nova era, uma nova época, etc., precisaria também de ter gritado tão completamente da cabeça para fora o *quantum satis*<sup>15</sup> de são entendimento que limitadamente lhe coubera a ponto de ter tido a felicidade de entrar num estado a que poderia chamar-se o da suprema loucura da demência urrante, cujo sintoma é o urro, o urrar convulsivo, sendo que o conteúdo do urro são estas palavras: era, época, era e época, época e era, o sistema<sup>16</sup>; e esse estado de

13 No espólio de Kierkegaard (*Papirer*, IV A 63; JJ:64, SKS 18, p. 160) encontra-se a seguinte anotação: «Se se quiser chamar Sofística à minha migalha de sabedoria, terei contudo de fazer notar que no mínimo lhe falta uma característica pertinente segundo tanto Platão como Aristóteles: que com ela se ganha dinheiro. / Cf. Tennemann, *Ges. d. Ph.*, vol. I, p. 355, nota 6b.» Tennemann, nessa nota da sua *Geschichte der Philosophie* [História da Filosofia], vols. I-XI, Leipzig 1798-1819, resume em seis pontos as características da Sofística segundo *O Sofista* de Platão, texto em que de facto há algumas referências à questão do dinheiro, e cita uma passagem das *Refutações Sofísticas* de Aristóteles (165a) em que se pode ler: «a sabedoria sofística é somente aparente, não real, e o sofista ganha dinheiro com sabedoria aparente, mas não real».

14 No primeiro *vaudeville* de Johan Ludvig Heiberg, *Kong Salomon og Jørgen Hattemager*, de 1825, o barão Goldkalb, de Frankfurt, em viagem para Copenhaga, é esperado no porto de Korsør; quando Salomão Goldkalb, um pequeno comerciante de Hamburgo, chega àquela cidade portuária, é confundido com o seu homónimo e é recebido com grandes cerimónias. *J. L. Heibergs Samlede Skrifter* [Obras Completas de J. L. H.], vols. I-VII, Copenhaga 1833-1841; vol. II, pp. 303-400.

15 Em latim no original: «quantidade suficiente».

16 A alusão poderá ser ao prefácio que Lauritz Vilhelm Petersen escreveu para a tradução dinamarquesa da dissertação de Hans Lassen Martensen (H. L. M., *Den menneskelige Selvbevidstheds Autonomie i vor Tids dogmatiske Theologie* [Acerca da Autonomia da Consciência Humana na Teologia Dogmática do Nosso Tempo], Copenhaga 1841;

felicidade é uma exaltação irracional em que ele vive como se cada dia não fosse apenas um dos dias *extra* que sobrevêm de quatro em quatro anos, mas um daqueles que sobrevêm ao fim de mil anos, enquanto o conceito, qual saltimbanco neste tempo de feira<sup>17</sup>, tem de a todo o instante executar estas contínuas habilidades para se revirar — até obrigar também o homem a revirar-se<sup>18</sup>. Que os Céus me defendam e ao meu folheto de uma situação em que um tal barulhento «zaragateiro» com a sua intromissão houvesse de arrancar-me ao meu despreocupado contentamento enquanto autor

original *De Autonomia conscientia sui humanæ*, Copenhaga 1837), no qual pode ler-se: «Foi o primeiro escrito surgido entre nós na moderna orientação especulativa e anunciava na teologia a era a partir da qual já começámos a contar.» Hans Lassen Martensen (1808-1884), bispo e professor de Teologia, era na época um dos nomes mais proeminentes da recepção de Hegel na Dinamarca e foi por várias vezes um dos alvos preferenciais das críticas kierkegaardianas (cf. Jon Stewart, *Kierkegaard's Relations to Hegel Reconsidered*, Cambridge University Press, Cambridge 2003, em particular pp. 58 e sgs., 238 e sgs., 307 e sgs., 336 e sgs. e 567 e sgs.). Numa anotação do espólio (*Papirer*, X2 A 155; NB 13:86, SKS 22, p. 325), de 1849, Kierkegaard escreve: «Situação do Prof. Martensen / Faz agora à vontade dez anos que o Prof. Martensen regressou de uma viagem ao estrangeiro, trouxe consigo a moderna filosofia alemã e despertou uma prodigiosa sensação com essa novidade, ele que sempre foi mais propriamente um repórter e um correspondente do que um pensador primitivo. / Era a filosofia dos pontos de vista — o que há de pernicioso nesse tipo de apanhado — que fascinava a juventude e abria a perspectiva de em meio ano ter engolido tudo. / Faz um estrondoso sucesso; e entretanto há jovens estudantes que usam a oportunidade para em material impresso informarem o público de que com Martensen começa uma nova era, época, época e era, etc. ([em nota] Cf. o Prefácio às *Migalhas Filosóficas*). O que há de pernicioso em permitir que jovens façam tal coisa, com o que as relações se invertem completamente.»

17 No original «*Dyrehavstid*», literalmente «tempo do Parque dos Veados». No parque em causa, situado a norte de Copenhaga, existia uma zona conhecida como *Dyrehavsbakken* que, entre a Primavera e o Outono, funcionava como parque de diversões com música e números de circo.

18 A expressão usada no original é «*slaa om*» que tanto pode significar «revirar-se» como «deitar abaixo», permitindo pois um jogo de palavras intraduzível, já que na segunda ocorrência, na forma passiva, se pode interpretar que «o homem é deitado abaixo». O «revirar-se» do conceito é uma alusão à doutrina de Hegel, segundo a qual o pensamento é uma união de contrários e os acontecimentos se desenvolvem por intermédio de contradições numa união progressiva de opostos; vd., p. ex., G. W. F. Hegel, *Wissenschaft der Logik, I* [Ciência da Lógica, I], in *Georg Wilhelm Friedrich Hegel's Werke*, vols. I-XVIII, org. de Philipp Marheineke *et al.*, Berlim 1832-1845, vol. III, p. 217; *Jubiläumsausgabe*, vols. I-XXVI, org. de Hermann Glockner, Stuttgart 1927-1940, vol. IV, p. 227; *Werke in zwanzig Bänden*, vols. 1-20, Frankfurt a. M. 1969, vol. 5, p. 217: «Porém, a mais aprofundada perspiciência da natureza antinómica, ou mais verdadeiramente dialéctica, da razão indica em geral *todo e qualquer* conceito como unidade de momentos opostos aos quais portanto se poderia dar a forma de asserções antinómicas.»